



A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

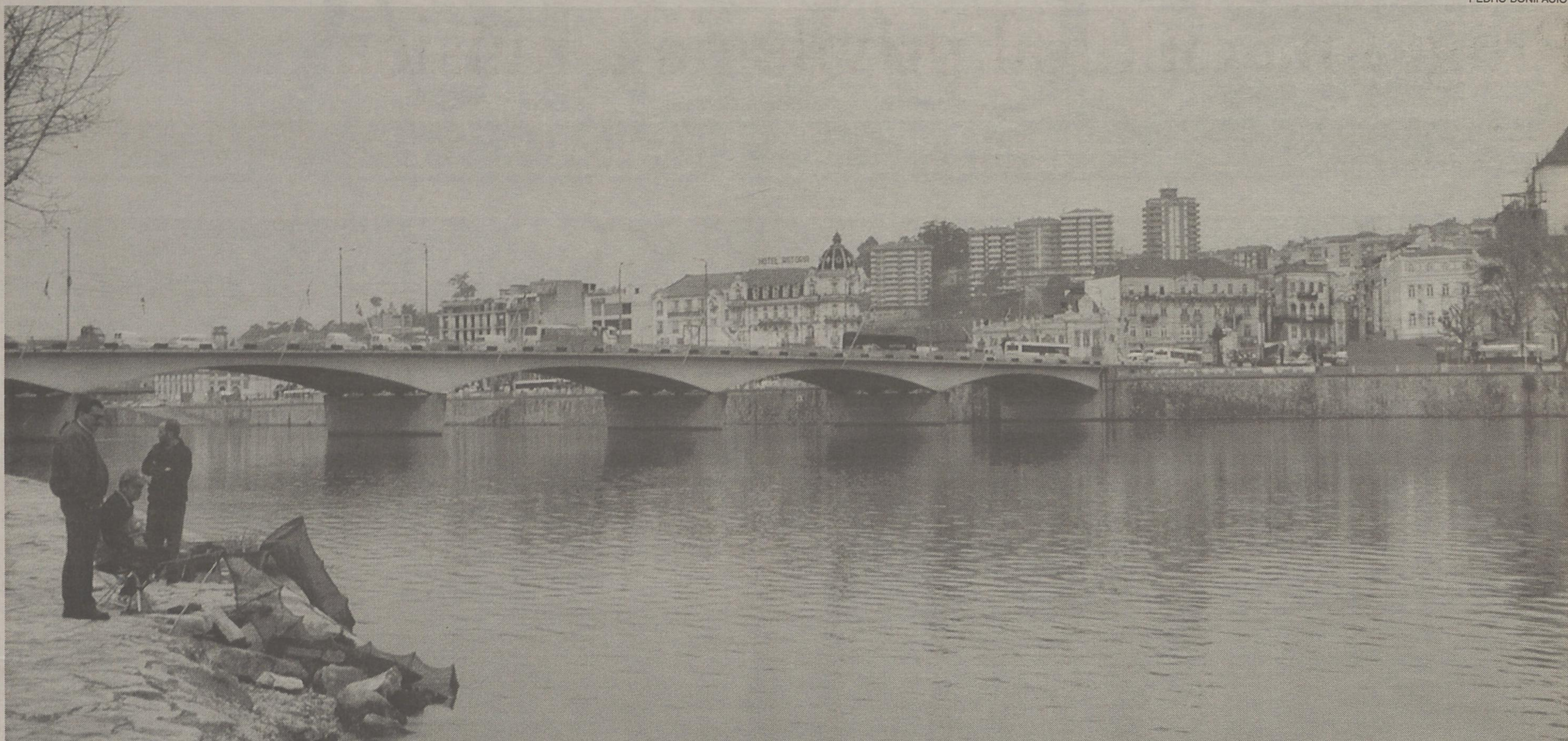


TERÇA-FEIRA
13 DE JULHO DE 2004
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO Nº118

DE FÉRIAS...



RUI CARDOSO



Mesmo com a vida académica parada, a oferta cultural e desportiva promete animação para os próximos dois meses em Coimbra

Coimbra: tempo de descanso

Cultura e desporto são opções para quem fica na cidade

Com o final dos exames, os estudantes regressam às suas terras para retemperar forças. Mas os residentes e os turistas fazem com que a cidade não pare no Verão

**João Pedro Campos
Margarida Matos**

Terminados os exames, a cidade dos estudantes fica deserta. Agora é tempo de férias, de descanso, de sol, de praia, de diversão. Os planos de férias são unânimes em apontar que agora é altura de dar asas à imaginação, de fazer tudo menos estudar. Pensar em livros só em Setembro.

Depois da enchente de adeptos do Euro 2004 ter dado outro colorido e animação à cidade, a Lusa Atenas parece agora descansar. Só os turistas vão dando alguma agitação à ci-

dade. Mas que sugestões oferece Coimbra aos seus "filhos" ou àqueles que a visitam em tempo de férias?

A ida à praia fluvial, à Figueira da Foz ou uma volta pelo recém-criado Parque Mondego são algumas das poucas alternativas que a cidade apresenta para contrariar a tendência de monotonia.

Ana Maria Queiroz, estudante de Estudos Artísticos e residente em Coimbra, traça o retrato da cidade durante o período de férias. "Entre os finais de Julho e o mês de Agosto a cidade fica quase vazia". A ida à praia fluvial, ou à Figueira da Foz marcam o quotidiano da estudante em Coimbra, já que também em Agosto abandona a cidade. Lamenta assim "a existência de poucas iniciativas culturais que atraiam os jovens neste período". E relembra "que nesta altura os espaços nocturnos estão fechados".

A praia fluvial, a Figueira da Foz e o Parque Verde são também referidos pelo estudante de mestrado em Geologia, Ricardo Cruz. Para este

jovem conimbricense, estas são alternativas válidas para quem fica em Coimbra nestes dias.

Ricardo Cruz salienta também que se dedica nestes tempos a actividades desportivas, como, por exemplo, voltas de bicicleta e corridas em circuitos de manutenção. No entanto, o estudante considera que esta área devia ser aumentada. "Acho que faltam infra-estruturas despor-

tivas para as pessoas. Às vezes, para ir jogar à bola com os amigos, temos de saltar o portão de uma escola para acedermos ao campo", sublinha.

O estudante destaca também a oferta cultural que a cidade dá, e "que tem melhorado nos últimos anos". Ricardo Cruz já adquiriu a agenda cultural e mostra-se interessado em seguir algumas actividades

de Verão.

O cartaz cultural é também um chamariz para quem passa este período em Coimbra. Com actividades que vão desde actuações musicais a peças de teatro ao ar livre, a cultura também vai estar em foco na Lusa Atenas entre Julho e Setembro, como refere o vereador da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, Mário Nunes (ver página ao lado).

Destinos para todos os gostos

Com o aproximar das férias, A CABRA falou com algumas personalidades da cidade de Coimbra para tentar saber como vão organizar as suas férias. Todos são unânimes em considerar que vão aproveitar ao máximo o pouco tempo disponível para recarregar energias e voltar em força já em Setembro.

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte, afirmou que só vai tirar férias na primeira semana de Agosto, "provavelmente no Algarve com amigos". Depois destes dias de descanso Miguel Duarte volta ao trabalho para preparar as iniciativas da DG/AAC agendadas para Setembro.

Já o vereador da Cultura da Câmara Municipal de

Coimbra, Mário Nunes, programou as suas férias para a primeira quinzena de Agosto: "Durante nove dias vou para o Brasil, para Santos e São Paulo". De seguida, o destino é Trás-os-Montes - "para aproveitar os últimos dias de descanso porque de seguida tenho mesmo que voltar ao trabalho", afirma.

O ex-presidente do projecto Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, Abílio Hernandez, afirma que vai passar uma semana de barco num canal francês, durante a primeira semana de Agosto. De seguida, vai a Barcelona, aproveitando estar a decorrer o Fórum Social naquela cidade. Abílio Hernandez passará ainda por Madrid e termina as suas férias em território nacional, na Figueira da Foz.

Onde e quando pensam passar férias este ano?

**Vera Silva, 23 anos,
estudante de Letras**



opção passar férias em Portugal.

Este ano vou passar férias com os meus pais na praia de Moledo, no Minho. É a terra do meu pai e gosto de lá estar. No mês de Agosto vou trabalhar para Paris. Para mim, é uma

**Sérgio Santos, 27 anos,
carpinteiro**



por Portugal, não há dinheiro para mais.

Devo ir passar uns dias ao Algarve, ou ficar por Coimbra. Não tenho ainda um sítio para ir e costumo tratar tudo à última hora. Em princípio vou passar uns dias com amigos. Por enquanto fico

**Sofia Torres, 21 anos,
estudante de Psicologia**



ra o ano vá conhecer outros lugares.

Ainda não sei. Vou passar uns dias num acampamento, depois não sei. Tinha uns planos em mente, mas não me parece que se realizem. Este ano fico no país. É uma opção ficar por cá. Talvez pa-

**Nuno Pinto, 21 anos,
estudante de Educação Física**



go do que ir para o Algarve.

Vou para Palma de Maiorca no final deste mês. Um colega meu esteve lá e sugeriu. Vou com uns amigos. Neste momento, a nível de preços, não fica muito mais caro ir para Espanha com tudo pago do que ir para o Algarve.

Programa cultural privilegia a música

Os meses de Julho, Agosto e Setembro são de grande actividade em Coimbra, com eventos para todos os gostos, e com uma aposta forte na música, no teatro e nas actividades ao ar livre

O Verão não faz parar a cultura em Coimbra. Numa altura em que os estudantes partem para férias, o cartaz cultural promete animar a cidade.

Para o vereador da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, Mário Nunes, a aposta incide na realização de várias actividades que visem abranger um público generalizado, em detrimento de um público mais elitista. "As actividades culturais vão desde a cultura popular à cultura erudita", sublinha.

Mário Nunes considera também que o facto de Coimbra ter acolhido jogos do Campeonato Europeu de Futebol poderá contribuir para atrair mais turistas à cidade nestes meses posteriores ao evento, uma vez que "quem se dirigiu a Coimbra durante o Campeonato da Europa pode voltar e pode também transmitir a outras pessoas, que sentem curiosidade de conhecer a cidade".

Entre os diversos eventos que vão ter lugar na cidade, há a salientar uma aposta nos eventos de cariz musical, com actividades como a 12ª edição do Festival Internacional de Música, que teve início ontem e se prolonga até dia 22 deste mês.

No dia 21, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) recebe a actuação do cantor brasileiro Zeca Baleiro. Este músico é conhecido por ter feito duetos com outros artistas brasileiros de renome, como Gal Costa ou Zeca Pagodinho. No ano passado, participou no álbum de Sérgio Godinho "O Irmão do Meio" onde interpretou o tema "Coro das Velhas".

Dentro da canção de Coimbra, destaca-se a realização de concertos de fado de Coimbra na Galeria Almedina, todas as noites de sábado. Em Santa Clara também estão em agenda actuações de vários grupos de fado.

Esta aposta no fado é articulada com uma outra aposta na canção popular, com a Praça do Comércio a ser palco de actuações de grupos folclóricos. Esta iniciativa também se prolonga por todo o período de Verão. Já em Agosto, é a vez das bandas filarmónicas actuarem na cidade dos estudantes, estando prevista a realização de espectáculos nos dias 7 e 14.

O vereador da cultura destaca também a apresentação do Auto de Coimbra, "um espectáculo que já conta 40 anos e que nunca foi apresentado ao público, senão agora". Este auto tem lugar no TAGV nos próximos dias 24 e 25 e conta com a participação de vários grupos, entre os quais se destacam a Orquestra do Norte e o Coro Aeminium.

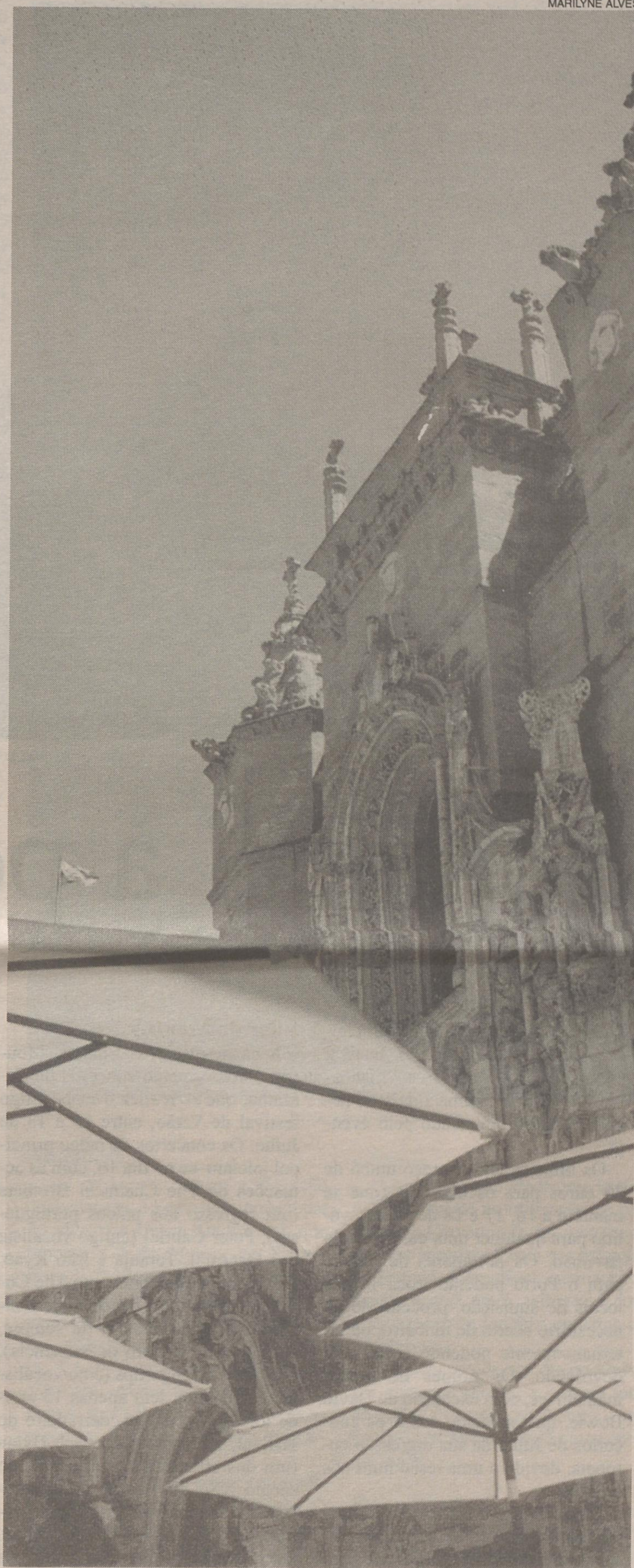
Esta não é a única participação dos coros da cidade na animação cultural de Coimbra. Ao longo de todo o Verão, vários grupos corais, quer da universidade, quer de outros sítios, animam vários pontos da cidade.

Ainda no âmbito da música, realiza-se no mês de Setembro o Festival Internacional de Gaiteros, uma iniciativa que pretende trazer a Coimbra gaiteros de vários pontos do mundo, como a Flandres ou a Escócia. O vereador Mário Nunes considera este evento como "espectacular e importante para a cidade".

O Verão é também uma altura de apresentações teatrais ao ar livre. Neste âmbito, é exibida amanhã no Jardim da Sereia a peça "Os Dois Menecmos", de Plauto, para no dia seguinte se realizar "Electra", de Sófocles, no claustro da Sé Velha. Neste capítulo do teatro ao ar livre, o destaque vai para "A Rapariga com Brinco de Pérola", uma peça que se realiza todas as quintas-feiras, até Outubro, no Jardim Botânico.

Mário Nunes sublinha também a campanha de informação levada a cabo pela autarquia. Ao todo, 22 voluntários estarão por toda a cidade, tendo como função orientar os turistas e os visitantes para as actividades a ter lugar em Coimbra.

O detentor do pelouro da Cultura acredita que o programa de Verão da cidade vai agradar a todas as pessoas que aqui residem, bem como aos turistas que a visitam. "As pessoas vão ter noção de que vale a pena viver em Coimbra", salienta ainda o vereador Mário Nunes.



Eventos culturais são uma hipótese para quem visita Coimbra no Verão

Eventos Culturais

Julho

A Rapariga Com Brinco de Pérola – Todas as quintas-feiras, até Outubro, 19h18, no Jardim Botânico

Festival Internacional de Música – até dia 22, no TAGV, no Convento de S. Francisco e na Casa-Museu Bissaya Barreto

Os Dois Menecmos, de Plauto – dia 14, 21h45, no Jardim da Sereia

Electra, de Sófocles, do grupo Thíasos – dia 15, 21h45, no claustro da Sé Velha

Canção de Coimbra – dia 20, 22h00, nas Escadas do Quebra-Costas

Zeca Baleiro – dia 21, 21h30, no TAGV

Fan-Farra Académica de Coimbra – dia 22, na Praça 8 de Maio

Auto da Fundação de Coimbra – dias 24 e 25, 21h30, no TAGV

O Inspector Geral, de Nikolai Gogol – até dia 17, 21h30, no Museu dos Transportes

Agosto

Quarteto de guitarras Aeminium – dia 3, 22h00, nas escadas de S. Tiago

Grupo de fados Quarto Crescente – dia 12, 22h00, nas Escadas do Quebra-Costas

Alma Mater – dia 26, 22h00, no adro do Convento de Santa Clara-a-Nova

Grupo Folclórico e Etnográfico "Camponeses do Mondego" – dia 27, 22h00, na Praça do Comércio

O Pedro e o Lobo, a partir da obra de Prokofiev – de 24 a 31, no Teatro do Inatel

Setembro

Festival Internacional de Gaiteros – com a participação de grupos da Flandres e da Escócia

Marco Godinho, 18 anos, estudante de Arquitectura



Em princípio fico pela minha terra, que é Torres Vedras. Fico por lá, até porque falta dinheiro. Não tenho outros planos em vista, mas normalmente decido tudo em cima da hora, por isso pode ser que ainda apareça qualquer coisa.

Vladimiro João, 21 anos, estudante de Engenharia Civil



Passo as férias na minha terra, na zona da Covilhã, com os meus pais. É uma questão financeira e também de opção, porque passo mais tempo por aqui e quero aproveitar para estar um tempo com a família.

Teresa Santo, 18 anos, estudante de Arquitectura

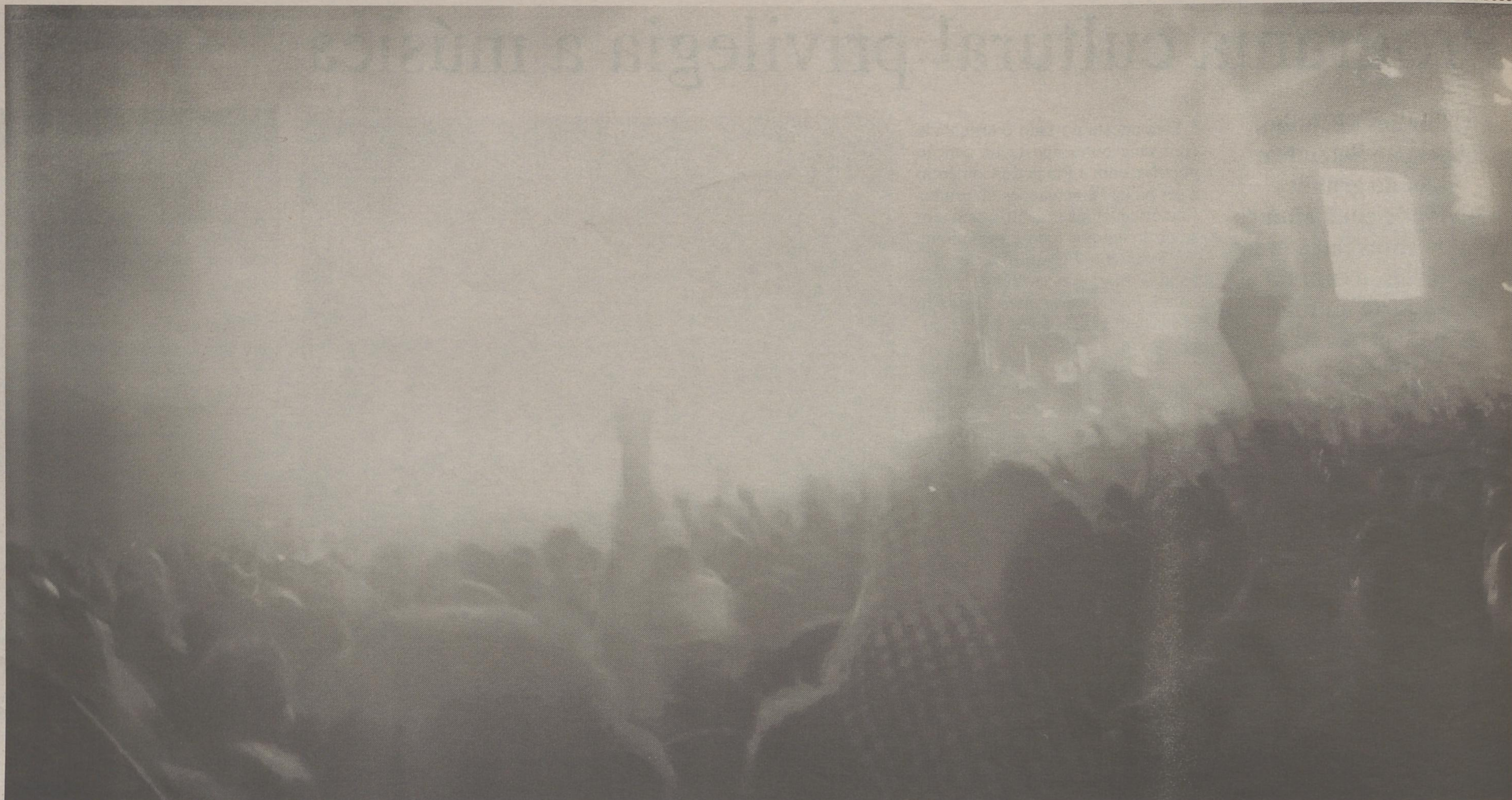


Não tenho planos neste momento. Não faço a mínima ideia. Se aparecer alguma coisa, devo ir passar uns dias com uns amigos ou com o namorado. As férias também vão ser um bocadinho curtas, por isso está tudo indefinido.

Valter Falcão, 31 anos, estudante de Engenharia Civil



Vou passar férias a estudar. Estou a acabar o curso e vou ter época especial, por isso tenho de a preparar. Devo tirar alguns dias, mas devo ficar por casa. Prefiro tirar férias quando já estiver no mercado de trabalho, é mais estável.



Cenários naturais enchem-se, todos os anos, para alguns dias de música e animação

“Woodstocks” à portuguesa

Restam poucas indefinições nos cartazes dos maiores eventos musicais do país

Os festivais de Verão são a oportunidade de milhares de pessoas para verem as suas bandas preferidas em concerto

Tiago Pimentel

Todos os anos, a opção de férias de milhares de pessoas passa pelos grandes festivais de música. Os nomes que compõem os cartazes, os preços apelativos e os cenários naturais em que alguns destes eventos decorrem são as propostas que motivam uma alteração da rotina de férias.

Entre os já míticos Vilar de Mouros ou Sudoeste, são também muitos os festivais “série B” que, Verão após Verão, se vão multiplicando por todo o país. No entanto, no imaginário dos “festivaleiros” portugueses, estes são apenas meros “acidentes de percurso” rumo aos mega-festivais que reúnem dezenas de milhares de espectadores durante o mês de Agosto. Num périplo pelos “Woodstocks” à portuguesa, o Jornal Universitário de Coimbra – A CABRA apresenta o cardápio dos principais festivais “mainstream made in Portugal”.

Lisboa–Porto–Lisboa

Surgiu com a denominação de Festival de Lisboa, previsto para o Pavilhão Atlântico. Mais tarde, transitou para o Estádio do Dragão, no Porto, passando a chamar-se Festival do Dragão. Recentemente, surgiu a notícia de que o festival regressa a Lisboa, para se realizar no

Pavilhão Atlântico, como inicialmente previsto. Assim, o festival passa agora a chamar-se “Lisboa–Porto–Lisboa”, numa alusão ao peculiar trajecto efectuado pelo evento.

Os bilhetes têm o preço único de 30 euros para os três dias (que se mantêm a 16, 17 e 18 de Julho), válido para qualquer uma das zonas do pavilhão. Os portadores de bilhete para o Porto poderão trocá-lo nos locais de aquisição, procedendo ao necessário acerto de dinheiro, ou alternativamente podendo optar pela devolução. Os nomes do cartaz mantêm-se, com excepção de David Bowie, que cancelou todos os concertos de Julho da sua digressão europeia, devido a uma lesão num dos ombros.

Deste modo, o cartaz do Festival Lisboa–Porto–Lisboa conta, no primeiro dia, com as actuações de Iggy Pop & The Stooges (que voltaram a reunir-se, depois de um período de separação que durou desde 1973), The Darkness (conquistaram três Brit Awards, constituindo-se como a nova coqueluche da música britânica), U.K. Subs, Cinerama e The Hells. Para o dia 17, estão previstas as actuações de The Charlatans (que contrariaram os rumores de separação com um novo álbum, intitulado “Up at the lake”), Starsailor, e The Leah Wood Group (a banda da filha do guitarrista dos Rolling Stones, Ron Wood). Por fim, no dia 18, é a vez de subirem ao palco os Deep Purple (criadores de “Smoke on the Water”, vêm apresentar o seu mais recente trabalho, “Bananas”), Status Quo (juntos há mais de trinta anos), Cheap Trick (banda do famoso guitarrista Rick Nielsen) e ainda os Scorpions.

Vilar de Mouros

É na freguesia de Vilar de Mouros, pertencente ao concelho de Caminha, que se realiza o mais antigo festival de Verão, entre 15 e 18 de Julho. Os concertos do palco principal iniciam-se no dia 16, com as actuações de The Chemical Brothers (um regresso aos palcos portugueses), Peter Gabriel (antigo vocalista dos Genesis), Toranja e Rão Kyao. A segunda noite conta com The Cure (considerados a banda inglesa alternativa mais lendária de sempre, com mais de 25 anos de existência), Clã, Ice T e Fingertips (cujo vocalista, Zé Manuel, tem apenas 15 anos de idade). No dia 18, derradeiro do festival, sobem ao palco Bob Dylan (um dos artistas mais influentes do século XX), PJ Harvey (vem apresentar o seu mais recente registo, intitulado “Uh Huh Her”), Macy Gray, Gary Jules e Polly Paulusma. Os preços vão dos 30 (bilhete de um dia) aos 50 euros (passe de três dias).

No entanto, nem só de música vive um festival. Deste modo, quem rumar a Vilar de Mouros terá também ao seu dispor um palco secundário (em formato discoteca), cinema ao ar livre, zonas para relaxar e tendas de artesanato. A programação de cinema inicia-se no dia 15 com a projecção do filme “Apocalypse Now”, de Francis Ford Coppola, em forma de tributo a Marlon Brando. No dia seguinte, são projectados “A Floresta Mágica”, um filme de animação de Manolo Gómez, e “Piratas das Caraíbas”, de Gore Verbinski. A programação do dia 17 oferece “Starsky & Hutch”, de Todd Phillips e também “Kill Bill: vol. 1”, de Quentin Tarantino, cuja sequência é exibida no último dia.

Sudoeste

A Herdade da Casa Branca, na Zambujeira do Mar, recebe desde 1997 o Festival do Sudoeste. De 5 a 8 de Agosto, a música vai ser uma constante na pacata vila alentejana. Deste modo, a primeira noite contará com as actuações dos belgas Soulwax, dos ingleses The Divine Comedy e ainda do português Rodrigo Leão (apresenta o seu mais recente registo, “Cinema”), com a participação especial de Sónia Tavares (dos The Gift) e de Ana Vieira. No palco secundário, é a noite de dub e reggae, com Adrian Sherwood Soundsystem, Manasseh Hi-Fi featuring Brother Culture and Earl 16 e ainda Dubadelic Vibrations featuring Prince Wadada.

No dia 6, é a vez de subirem ao palco os escoceses Franz Ferdinand, os ingleses The Dandy Warhols e ainda os portugueses Clã. Para esta noite, há ainda uma banda por definir, que até à hora de fecho desta edição não nos foi possível apurar. O palco secundário conta com as actuações de Mr. Gentleman, Navio Negroiro e Dezperados.

O dia 7 traz ao palco do Festival Sudoeste os ingleses Groove Armada e Zero 7, os portugueses Da Weasel, os irlandeses Ash e os veteranos americanos Love with Arthur Lee. Para o palco secundário, estão previstas as actuações de Two Banks of Four (de Rob Gallagher), a sessão dj dos Koop e ainda Mike Stellar.

Por fim, a programação do último dia conta com nomes de luxo. Os alemães Kraftwerk, os franceses Air (um regresso ao Sudoeste, onde apresentam o seu mais recente registo, “Talkie Walkie”), os belgas dEUS e ainda o inglês Tim Booth (antigo vocalista dos James, agora

num projecto a solo) dão garantias de uma grande noite. No palco secundário, Gomo, Mercado Negro e Rui Vargas prometem uma despedida à altura. Os bilhetes para o Festival Sudoeste custam 30 (bilhete de um dia) ou 55 euros (passe de quatro dias).

Paredes de Coura

A 12ª edição do Festival de Paredes de Coura vai decorrer entre os dias 17 e 20 de Agosto, no belíssimo anfiteatro natural da Praia Fluvial do Tabuão. O cartaz começa a definir-se, estando, até ao momento de fecho desta edição, confirmadas as presenças de The Roots, Arrested Development e Culture na primeira noite. Para o dia 18, estão previstas as actuações de DKT/MC5 (separados desde 1972, voltaram a reunir-se em Março do ano passado, agora sob a designação DKT), LCD Soundsystem e ainda Mark Lanegan Band. No derradeiro dia do festival, é a vez de subirem ao palco os americanos Scissor Sisters (um dos fenómenos do momento, que lançaram este ano o álbum de estreia com o mesmo nome), Black Rebel Motorcycle Club e The Kills (que vão lançar o seu segundo álbum em Outubro).

Mas a animação de Paredes de Coura não passa toda pelo palco principal. Assim, o palco Songwriters recebe, no dia 18, a actuação de Howe Gelb. No dia seguinte, sobe ao palco Mark Eitzel e na noite de 20 é a vez de Josh Rouse actuar. Por outro lado, o “Jazz na Relva” conta com a actuação do Wishful Thinking Quartet no dia 17. No dia 18 está prevista a actuação dos portugueses Bernardo Sasseti Trio (apresentam o mais recente registo “Nocturno”).

Em alternativa...

Além dos convencionais festivais, o Verão traz consigo dezenas de eventos alternativos. Música de dança ou danças populares, esculturas na areia ou visitas céltico-arqueológicas, há um pouco de tudo no circuito menos conhecido

Liliana Guimarães

Os grandes festivais de música são um destino escolhido por muitos para passar alguns dias das férias de Verão. Mas para quem quer fugir aos grandes festivais e poupar algum dinheiro, há uma grande quantidade de alternativas à disposição. A música que não passa nas rádios, a dança que não se vê nas discotecas e um ambiente festivo são as principais ofertas destes eventos.

XII Festival Internacional de Música de Coimbra

Começou ontem o XII Festival Internacional de Música de Coimbra (XII FIMC), dedicado ao tema "Contrastes: Ocidente - Oriente". O XII FIMC faz-se a partir de uma base de contrastes entre instrumentistas, compositores e obras oriundas das culturas ocidental e oriental. O XII FIMC decorre até 22 de Julho e estão previstos três concertos com orquestra, vários recitais e uma Master Classe de Piano.

Hoje, às 21h30, no TAGV, o concerto fica a cargo da Orquestra de Câmara de Coimbra, dirigida pelo maestro Virgílio Caseiro. No Convento de S. Francisco, dia 21 de Julho, a Orquestra Barroca Capela Real e Coro Voces Caelestes encenam o concerto comemorativo dos 300 anos do nascimento de Carlos Seixas. No dia 22, o concerto de encerramento do XII FIMC é feito pela mão da Orquestra Gulbenkian no TAGV. O XII FIMC apoia também os jovens pianistas ou alunos de piano, promovendo um Recital dos Jovens Talentos do Conservatório de Música de Coimbra, esta quinta-feira à noite no TAGV.

República Independente

Mais a sul, o Festival República Independente vai levar a música de dança ao Algarve. Este festival realiza-se em Algoz, perto de Albufeira, no parque temático Krazy World. O República Independente está encarregue por 50 hectares deste parque, o que representa uma combinação exótica entre animais selvagens e música electrónica.

Das 17 horas de sábado até às 10 horas de domingo, muitos são os dj's

que vão passar pelos dois palcos do festival. Do "Stage 1" destacam-se Chemical Brothers, Dj Vibe e Felix da Housecat. No palco secundário vão estar nomes como Fila Brazillia e Carl Craig.

Durante as 17 horas de República Independente há muito mais que música para o divertimento e a descontração. Os bilhetes custam 29,5 euros e, além do som, dão direito a disfrutar de uma Mega Zona Radical, sempre repleta de animação de rua, com um workshop de capoeira e um half-pipe.

Músicas do Mundo

A sexta edição do Festival Músicas do Mundo (FMM) em Sines, é uma boa opção para quem tem pouco tempo e pouco dinheiro. De 29 a 31 de Julho, no Castelo de Sines, vão ser oito os concertos de world music a animar as noites. A abertura do festival fica a cargo da Ronda dos Quatro Caminhos, que vão subir ao palco com mais seis grupos corais alentejanos e uma orquestra de 30 elementos. Os concertos no castelo custam cinco euros por noite ou dez euros as três noites.

Além dos concertos de Warsaw Village Band, Tom Zé e Femi Kuti, o FMM faz-se também na Capela da Misericórdia e em after-hours. Na capela vão ser exibidos cinco documentários sobre a temática das músicas do mundo, realizar-se três conversas com músicos do festival e dois concertos. Esta parte, mais intimista e reflexiva, começa mais cedo, dia 24, e tem entrada livre. De 29 a 31 de Julho, num segundo palco junto à praia Vasco da Gama, vai haver animação durante todo o dia e três concertos, também gratuitos, para prolongar a festa que já tinha sido iniciada no castelo.

Intercéltico de Sendim

Por terras de Miranda, entre 30 de Julho e 1 de Agosto, realiza-se o quinto Festival Intercéltico de Sendim. Este festival dedica-se a quem gosta da linha da frente da folk europeia ou gosta de beber licor celta e outras poções mágicas na Taberna dos Celtas.

No recinto principal, os concertos ficarão a cargo de Marenostrum (Portugal), Fred Morrison (Escócia), Milladoiro (Galiza), Llangres (Astúrias), La Musgaña (Castela/Leão) e Hedningarna (Suécia). Na Taberna dos Celtas, prolongam-se as noites com animação musical e bebidas mágicas.

No decorrer do festival realizam-se ainda uma série de eventos genericamente designados "À Descoberta de Sendim" que contam com "Visitas Céltico-Arqueológicas" e um "Roteiro Sendinês". Além do campismo gratuito, no recinto do Intercéltico haverá uma Feira e Mostra de Artesanato e Produtos da Terra, uma Feira do Disco e do Livro Tradicional/Folk e venda de "recordações intercélticas".



Palcos menos conhecidos são opção de férias para muitos

Andanças

A 1 de Agosto começa a 9ª edição do Andanças, o Festival Internacional de Música e Dança Tradicional, que termina a 7 de Agosto, em Carvalhais, S. Pedro do Sul. Serão cerca de 60 bailes e 90 oficinas de danças, canto tradicional, escultura, teatro de rua, expressão musical e de artesanato. À noite é hora para bailar: desde capoeira, passando pelo Country Funny, pelas danças orientais, danças europeias e muitas danças portuguesas.

O início da manhã arranca com oficinas de meditação e concentração. O dia prossegue com oficinas de dança, passeios na serra, desportos, ofícios tradicionais na aldeia e teatro de rua. Ao cair da noite, momento para espectáculos na capela, histórias para crianças e teatro. Pela noite dentro é altura de música ao vivo.

O Andanças tem um leque infundável de actividades paralelas. Desde bookcrossing, construção de instrumentos, percussão em cerâmica até à escrita criativa e hidroginástica, há um pouco de tudo para oferecer aos

visitantes.

O Andanças tem ainda uma vertente que consiste na utilização de produtos do Comércio Justo, juntamente com os produtos locais nas refeições do festival. Além disso, quem usar os seus próprios pratos, talheres e copo verá o preço da refeição reduzido em 50 centimos.

Quanto a preços, um dia no Andanças custa 22 euros e a semana toda, 85 euros. O acesso ao recinto - apenas para os bailes - custa cinco euros por noite.

Boom Festival

No final do mês de Agosto regressa o gigante da música de dança, o Boom Festival. Desde 1997 que o Boom se realiza por ocasião da lua cheia de Agosto. A quinta edição tem lugar de 26 a 30 de Agosto, em Idanha-a-Nova. O que torna o festival tão apetecido é o seu carácter internacional e o facto de não privilegiar artistas nem palcos.

Nas margens da barragem Marechal Carmona serão instaladas quatro áreas: Trance Floor, Ambient Boom,

Liminal Village e Multi-Art Installations. Cada uma tem um propósito distinto, sendo que a Trance Floor é a pista principal, que vai funcionar durante 19 horas por dia. Já a área Ambient Boom é a zona de chill out. A Liminal Village estará dividida em outras pequenas áreas onde se interligam sistemas de conhecimento, métodos de análise, crenças e práticas. A Multi-Art Installations será feita de várias exposições de colectivos nacionais e estrangeiros de formas de arte como escultura, pintura ou teatro.

Ao dispor dos visitantes está também um Flea Market com artigos de todo o mundo, desde artesanato a moda, de música a livros ou tecnologia. Na área de alimentação há comida vegetariana, oriental, árabe, japonesa, vegan ou mediterrânica.

O bilhete dá direito ao "Boom 2004 Info-Pack" (distribuído à entrada, com informação detalhada sobre o festival), ao "Daily Dragon" (um jornal diário que é editado pelo Boom Festival), bem como ao acesso a um mini-hospital e a um parque de campismo.

SEXTA
Informática Multimédia, Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

PUBLICIDADE

A vida breve d

1 Chamava-se Judas. O avô, anárquico convicto e definitivo, não deixou que de outro modo fosse e, aquando do nascimento, o mal amanhado pai e a inconsciente mãe lembraram-se que o bebé, ainda que gerado pelas próprias carnes, peles e suores, iniciava as manobras da batalha da vida com as rações pagas por fundos avoengos. Por tão prosaica razão, deixou a jovem mulher as suas convicções profundas de religião e cultura para quem nelas quisesse pegar e aceitou o substantivo de má fama para o rebenito, como poderia ter aceite Benito, Salazar ou Lucifer, se o capricho do sogro tivesse para aí torcido direcções. Não torceu, graças a Kropotkin, e deste modo sempre se poderia dizer que o Judas visado não era o infame Iscariotes, mas o Tadeu, que apóstolo foi também e de reputação menos apertada.

2 O pequeno Judas fez-se pessoa à custa de calma, prudência e papas de farinha, que lhe estabilizaram as flacidez da carne e do músculo, de maneira que, chegado aos quinze anos, havia nele algo da nobreza adormecida das estátuas. Quando visitavam a praia em Agosto, o pai, então já funcionário acinzentado e corcunda de uma repartição de Finanças, aproveitava sabiamente a placidez canicular e passava os dias pelo café jogando cartas e desfrutando, ao fim da tarde, dos prazeres baixos que a discreta empregada sabia proporcionar num quarto dos fundos. Entretanto, a esposa inocente conversava com as comadres de praia, trocando impressões sentimentais sobre as novidades das revistas, partilhando os cremes que cada uma devia usar para apaziguar os impiedosos escaldões e, é claro, rindo e esclarecendo a natural curiosidade das almas sobre a origem do tão inaudito nome do filho. "Conhece Judas Tadeu, irmão de Tiago?", dizia ela.

Enquanto os pais dividiam a espuma dos dias longe um do outro, Judas aprendia a domar ao pontapé as bolas de plástico sobre a areia molhada. Demonstrava grande habilidade no ataque e, em recompensa, os amigos mais velhos revelavam-lhe aos poucos o segredo do ponto lendário das mulheres, aquele que fica algures entre a segunda e a terceira costela e que, sendo tocado de maneira correcta na altura do dia correcta, espicaça o apetite sexual da donzela. De tal maneira era isto certo que já aldeias e vilas inteiras tinham visto os seus rapazes a fazerem-se homens com esta habilidade, inventada, diziam os mais sabedores, no século XVIII por um frade beneditino e transmitida de boca de pai a orelha de filho desde então.

Pelas noites, Judas gostava de visitar o cinema, gerido pela associação de amigos dos bombeiros voluntários - algo que sempre descansou a sua mãe, eternamente temerosa de acidentes incendiários e, por isso, grande devota de S. Marçal. Judas ficava sempre na última fila, sozinho. Nas filas da frente, sentavam-se os adolescentes mais velhos com as namoradas e, obviamente, estes e estas não po-

diam estar menos incomodados com o cinema. As filas do meio eram para os descomprometidos de classe alta ou, digamos, os burgueses desconsolados. Os de escalões inferiores ficavam com os bancos de trás, separados e longínquos, pois o desconforto de uns alimentava, impiedoso, o desconforto dos outros. Mas as únicas mulheres em que a concentração de Judas recaía eram então as heroínas cinematográficas, quer as morenas infernais com protuberâncias merecedoras desse substantivo, quer os pardalitos pequenos, anémicos e frágeis. Nesse ano, sofrendo na pele as desventuras económicas dos bombeiros voluntários, Judas teve de assistir a filmes antigos e já fora de circulação, em cópias gastas e tão

francesas que diziam preto e branco por todo o lado. Foi o ano em que apenas dois dos espectadores que começavam a ver os filmes ficavam a vê-los até ao fim. Um deles era Judas. O outro era um homem alto, moreno e de olhar triste, que vestia sempre de fato e fumava cigarrilhas negras nos intervalos. Judas não o conhecia. Impressionava-o, porém, a elegância decadente dos movimentos da personagem, os dedos e os olhos escuros, o modo como se inclinava e apoiava a mão no joelho quando as costas lhe começavam a doer de estar sentado.

Judas gostava de ler as fichas técnicas e ouvir a música do genérico depois de os filmes acabarem. Deste modo, a sala esvaziava-se e, no fim de tudo, quando ele se levanta-

va para retornar aos queixumes mudos dos pais, podia ir mais devagar, aproveitando a brisa fresca que a noite e o mar, trabalhando juntos, se dignavam produzir para o conforto das gentes. Judas via o homem de fato encostado à parede de uma casa abandonada, a cigarrilha sempre na boca, a falar com alguém sem cara. Depois, a pessoa ia-se embora. Dali a minutos, vinha outra, que murmurava também algumas palavras, dava algo, recebia algo em troca e partia. Judas continuava o seu caminho e, deste modo, nunca ficava até ao fim para ver como é que a noite acabava. Mas é certo e sabido que, se lhe pedissem para apostar, diria que aquele homem ficava encostado à parede da casa abandonada até ao fim da noite, de-

saparecendo como um vampiro quando o dia nascesse.

No ano seguinte, Judas voltou à praia apenas com a mãe, já que o pai tinha, entretanto, fugido para o sul de Espanha com uma bailarina de cabaré com metade da sua idade. Valeu a Judas e à mãe a intervenção do avô, o velho anarquista que, entretanto, começava a sucumbir à tirania do coração, em duunvirato com o álcool, e que morreria pouco tempo depois, segurando a mão do neto em quem via a sua rebeldia feita gente.

Tocado por esta série de eventos e pelo facto de, de um momento para o outro, se ter tornado no homem da casa, o jovem Judas estava triste nesse verão. Vagueava sozinho pela



de Judas filho

praia, não jogava futebol e ignorava os apelos dos amigos. O que lhe valia era mais uma vez o cinema e, desta vez, repetia as sessões, consumia matinés, decorava diálogos. E, descasado das hierarquias duvidosas dos seus comparsas de anos passados, sentava-se agora na fila que lhe apetecesse.

O homem de fato continuava por lá, como se nunca tivesse abandonado aquele cinema. Uma noite, interpôs-se entre a saída e Judas. Disse que se chamava Júlio. Eu sou Judas, respondeu este.

Júlio pediu a Judas que o acompanhasse. Ele aceitou, certo que sua mãe dormia já e que a sua presença em casa era inútil àquela hora. No caminho, passaram pela casa abandonada. É aqui que eu vendo so-

nhos a quem deles precisa, disse Júlio. E são muitos os que deles precisam?, Duvidas, Judas?, Não, não duvido, e a partir daí nada mais se ouviu na noite a não ser o marulhar lento e os passos dos dois homens.

O destino do passeio nocturno era a casa de Júlio. Era um apartamento simples, de paredes brancas e limpas, com pouca mobília e algumas revistas antigas pousadas a um canto. Júlio perguntou a Judas se queria um café. O rapaz não sabia o que responder, porque nunca o tinha bebido. Por isso, bebeu na mesma.

Júlio era um homem silencioso: não falava enquanto nada lhe fosse perguntado e não perguntava nada se soubesse que não iria obter resposta. Depois de beberem o café,

ele levantou-se, andou até uma porta encostada, entreabriu-a e ficou a espreitar. Fez sinal a Judas para que se aproximasse.

Era um quarto de dormir. Havia uma cama e, nela, uma mulher deitada. A janela estava aberta. As cortinas ondulavam, empurradas pela brisa suave, e, ao longe, via-se o mar e o seu rumor calmo.

Judas reparou na forma do corpo da mulher, a serpentear como um monte por baixo do lençol. Nunca tinha estado tão perto de uma mulher nua. Júlio disse: entra, e Judas assustou-se. Júlio percebeu. Empurrou-o suavemente e sem ruído, fechou a porta do quarto e sorriu. A casa estava silenciosa e fria e Júlio foi sentar-se na sala, bebendo o resto de café que tinha ficado na cafe-

teira e fumando a última cigarrilha do maço.

Judas chegou a pensar em calcular a distância da janela ao chão e tentar sair despercebido. Foi mais ou menos na altura em que a mulher abriu os olhos e lhe disse para se deitar ao lado dela. Com medo, Judas despiu-se e deitou-se na cama. A mulher afagou carinhosamente o seu cabelo e ele pensou que a pele dela tinha o mesmo cheiro que a areia.

De manhã, Judas saiu do quarto sem fazer barulho, deixando lá a mulher. Na sala, em cima de uma mesa, estava uma folha de papel com o seu nome escrito. Pegou nela. A folha tinha uma pequena flor agraçada ao verso. Nada estava escrito.

Nessa mesma tarde, Judas partiria com a sua mãe. Era o último dia de verão. Enquanto saíam da vila de carro, Judas viu Júlio. Estava sentado num banco, a olhar para o mar. Seria a última vez que o veria. Durante o ano seguinte, a mãe de Judas morreria e ele não voltaria à praia nunca mais.

3

Um vulto negro vagueia pela areia. No carro em cima do paredão, quatro pares de olhos deixam-se ficar a contemplá-lo. Faz vento, está frio, as abas do casacão escuro de Judas esvoaçam, agitam-se, e ele parece um anjo negro prestes a levantar voo. Os pés pesam-lhe, os joelhos doem-lhe. Está velho. Sente o cabelo final a retorcer-se no topo da cabeça, sujeito aos designios da ventania. Teve tempo na vida para casar, criar filhos, e trocar dinheiro por uma série de comodidades. Agora, a mulher está morta e os filhos só chegaram hoje do longe onde vivem a terem outros filhos que irão para mais longe ainda. Judas pensou: estou só, e pediu que o levassem à praia para procurar o tempo que já não existia.

Judas acha a água azul demais e de repente lembra-se: não é verão. É o primeiro inverno que conhece naquela praia. Roda sobre si próprio: há mais barracas, vê-se pelos esqueletos de madeira alinhados na areia. Ao longe, as dunas mudaram de forma e parecem ter metade da dimensão que Judas se recorda de ter visto.

Com grande dificuldade, Judas baixa-se. Arranca um punhado de areia ao chão e deixa-se ficar a senti-la cair por entre os dedos. O vento, o impiedoso vento, sopra e projecta alguns dos grãos de areia contra a cara do velho. Judas, que já há muitos anos usa óculos, não se sente incomodado. Sacode a mão para o areal. Cheira-a e começa a chorar, por si, por Júlio, pela mulher deste, por todos os mortos, pelos quatro pares de olhos no carro. Respira fundo. O cheiro salgado do mar entra nele como se não houvesse importância nas coisas. Judas anda até ao fim das ondas. Leva a mão ao bolso do sobretudo e remexe nele. Procura o desespero, que é uma planta guardada em casa ao lado da televisão; procura a tristeza e a vergonha, que são as palavras que cruza no jornal todos os dias.

Judas tira do bolso uma flor seca. O mar chama-o com violência, repetindo até à loucura o seu velho monólogo da rebentação. Judas morde o caule seco da flor e sente-lhe o gosto. Sabe a velho.

Judas cospe o pedaço de pau para o chão. Olha mais uma vez para o mar. Com um golpe seco e rude, atira a flor seca para as ondas e fica a vê-la desfazer-se até ao fim na acidez da água salgada.

Judas volta-se e começa a andar em direcção ao carro. Todo o seu mundo está ali, naquele lugar aonde não vai há décadas, naquele mar que não se esquece de ter visto uma noite através da janela de uma casa desconhecida. A sua vida acabou, ele sabe. Judas inicia aqui o luto pela própria morte.

Férias... por um mundo melhor

Turismo ético, solidário e responsável é possível

Países longínquos, exóticos, praias de sonho, vistas encantadoras, luxos e confortos dos hotéis. Para os que pretendem este tipo de férias, não vale a pena continuar a ler

Pedro Santos

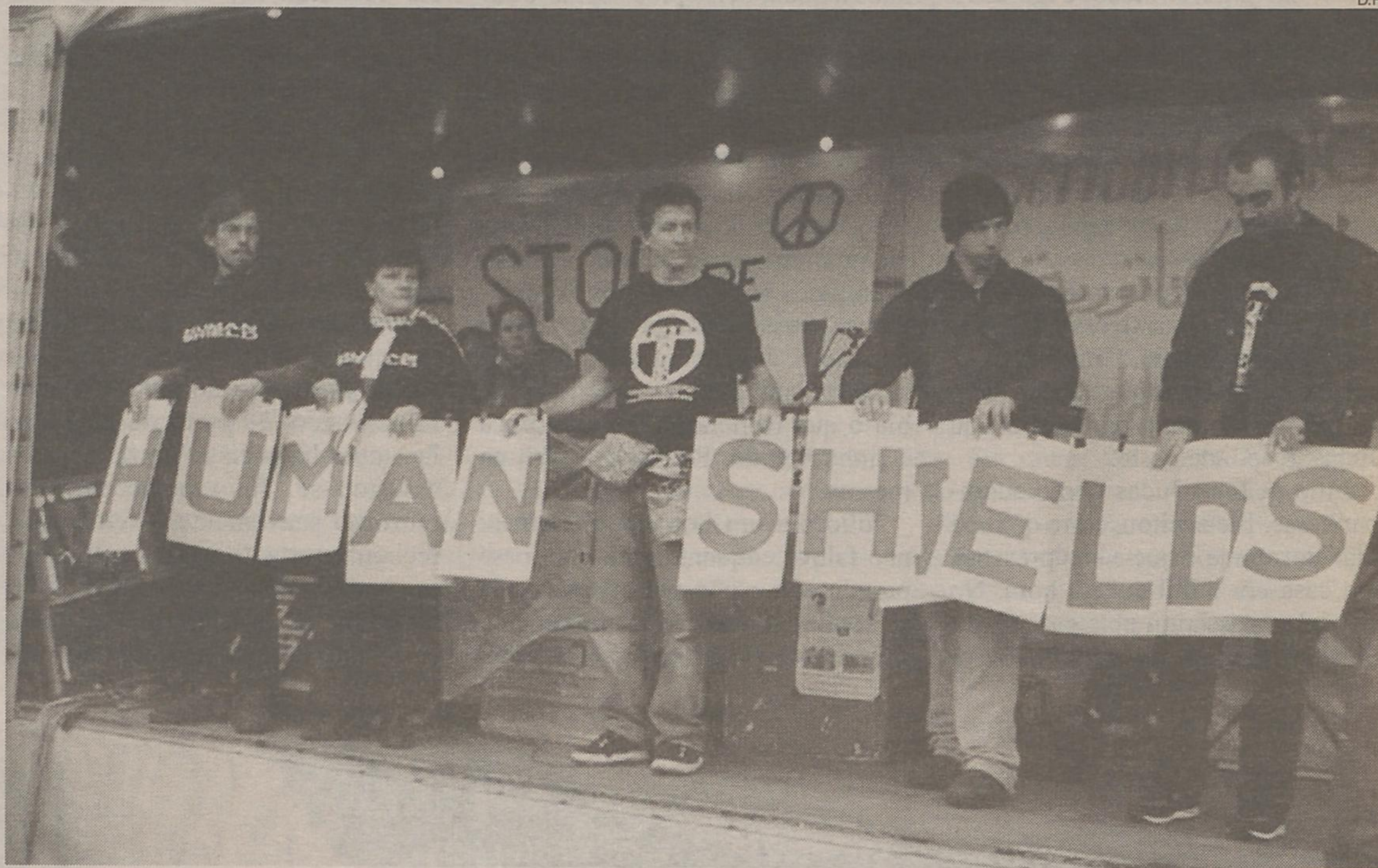
Turismo ético – uma alternativa para quem quer transformar uns simples “dias de suspensão dos trabalhos oficiais; repouso” – definição do dicionário da língua portuguesa para a palavra “férias” – nuns dias de Verão repletos de aventuras.

Qual a realidade social que se vai visitar? Quais as condições de vida da população local? Quais os impactos da nossa presença no país? Quem é o verdadeiro beneficiário das nossas férias? Para dar resposta a estas questões surgiu na Europa um movimento denominado de “Turismo Solidário”. Enraizado nos princípios do Comércio Justo, onde se observa total transparência no circuito que vai dos produtores aos consumidores, esta prática concretiza-se em várias acções: na utilização de impostos oriundos do tu-

rismo para a erradicação da pobreza e em princípios de sustentabilidade ambiental, social e cultural. Esta é a alternativa ao turismo de massas com as suas consequências, nomeadamente o impacto ambiental, cultural, social e económico muitas vezes devastador, a redução dos recursos, e o intercâmbio entre turistas e população local, na maior parte dos casos fictício, limitado a experiências rápidas e artificiais.

Em Portugal existem alguns exemplos de organizações promotoras e defensoras deste tipo de turismo. A “Mó De Vida”, uma “cooperativa de consumo” é, talvez, o exemplo mais flagrante. Esta organização “laica e apartidária”, como se intitula, foi fundada em Abril de 2002 para defender os valores do cooperativismo, que assentam na “associação de pessoas para a criação de uma propriedade comum e democraticamente gerida através dos princípios de equidade e solidariedade”.

No site desta associação, em www.modevida.com, podem ver-se algumas ofertas deste tipo de viagens, nacionais e internacionais. Ao nível do contexto português, a Mó de Vida dá destaque às “Festas da Transumância”, que se realizam entre os dias 14 a 19 de Julho na Serra da Estrela. Esta viagem pretende dar a conhecer e promover uma “maior aproximação a uma realidade determinante na nossa



Há quem dedique as férias a lutar contra a guerra e as injustiças sociais

cultura pastoril que, lentamente, está a desaparecer”. Existem ainda alguns pastores que cumprem religiosamente o ritual. Logo após o S. João (24 de Junho) deslocam-se com os seus rebanhos pela serra até ao mês de Setembro. São esses homens, que levam uma vida dura e solitária, que merecerão uma visita daqueles que quiserem aderir a es-

ta viagem. Esta visita guiada até aos abrigos naturais dos pastores, onde a gastronomia não é descuidada, é talvez o ponto alto de uma semana repleta de actividades. Há ainda lugar para caminhadas pela serra, arruadas populares, convívios onde se mostra toda a gastronomia serrana, debates, exposições de materiais de artesanato e têxtil produzidos pelos populares. A parte cultural também não é descuidada e podem assistir-se a concertos de música tradicional. Este programa, ronda os 72 euros por pessoa, apenas para despesas da viagem. Isto porque, nesta prática, baseada no princípio da transparência, os pagamentos do alojamento e alimentação são realizados directamente aos prestadores destes serviços.

Ainda segundo informação prestada pela Mó de Vida, é possível praticar um turismo solidário além fronteiras. Brasil e Equador são algumas das propostas a ter em con-

ta. Este é um programa ideal para quem tem interesse em conhecer experiências de trabalho comunitário. Estão previstas visitas a organizações que têm o objectivo de trocar experiências de organização social ou dar a conhecer projectos que desenvolveram um modelo de turismo que respeita as culturas locais, o ser humano e a natureza.

Já no próximo mês de Setembro, entre os dias 7 e 18, o Equador recebe uma iniciativa destinada ao turismo solidário. Uma aventura destas, com viagens por todo o país, representa um custo total de aproximadamente dois mil euros. A viagem ao Brasil decorre entre os dias 1 e 16 de Outubro. Está prevista a visita a várias regiões rurais, acompanhando o quotidiano e convivendo ao vivo com a população local. Há ainda a possibilidade de acompanhamento de alguns projectos do Movimento dos Sem Terra. O custo desta aventura ronda os 1800 euros.

Escudos Humanos, o expoente máximo

No turismo solidário, os euros são importantes para combater desigualdades. Mas os escudos não lhes ficam atrás. Não se trata de dinheiro, mas de “escudos humanos”. Esta é considerada por alguns a forma mais extremista do turismo solidário. Os adeptos deste tipo de turismo estão preparados para tudo. Até para morrer. Há quem pense que são loucos. Outros, consideram-nos idealistas com uma consciência cívica extrema, a de cidadãos do mundo. Escolhem ir para teatros de guerra para se colocarem ao lado dos mais fracos. Na última guerra do Iraque, contaram-se cerca de uma centena e meia, sensivelmente. São ainda muito poucos. Mas enormes. Na coragem e na solidariedade.

Uma das plataformas de apoio a estas acções é a Organização Internacional de Escudos Humanos. Em www.humanshields.org percebe-se que com 50 euros diários e uma reserva de 1000 para casos de emergência, é possível embarcar nesta aventura. Férias de sonhos e utopia que, por vezes, podem dar lugar a pesadelos. Relembre-se o caso de Rachel Corrie, a pacifista norte-americana de 23 anos que foi esmagada por uma buldozer israelita, em Março de 2003, na fronteira de Gaza. Nesta história do turismo solidário também existem finais infelizes. Desenlaces possíveis numas férias tão nobres. As da luta por um mundo melhor...

Inter-rail: nos carris com nome de aventura

Uma oportunidade para conhecer povos e culturas de mochila às costas e com a liberdade de poder entrar em qualquer comboio, definindo o rumo ao sabor dos dias

Pedro Santos

O inter-rail é sempre um desafio para aqueles que pretendem palmilhar toda a Europa a um preço acessível. Desde pouco mais de 200 euros (15 dias, apenas numa zona) até aos 400 euros (bilhete global para um mês).

De mochila às costas, carruagem após carruagem, as aventuras sucedem-se. Espanha é atravessada na ânsia de se ir mais longe. É mesmo aqui ao lado e não faltarão fins-de-semana para a visitar. Numa passagem breve por Paris, a terra do Maio de 68, dá para

ver o quanto é bonito olhar para a Torre Eiffel, mas perceber que uma visita aprofundada ficará para uma altura menos agitada, enfim, mais romântica, até em termos financeiros.

A “bela Itália” é um país perfeito para se começar a viagem propriamente dita. Mas a paragem na Suíça é inevitável, pois Shengen ainda não passou por estas bandas. Uma pausa para chocolate e uma aventura. Qualquer um está sujeito a uma paragem stop na alfândega para uma sessão de “tortura suíça”. Num inglês afrancesado, quatro polícias questionam-nos: “Drugs? Guns? Alcoholic drinks?”. Fica a diversão do aparato que se forma à nossa volta e que, por alguns momentos, faz de nós vedetas do terrorismo internacional. Na hora do embarque, retêm-se as imagens bonitas de lagos imensos. Horas depois, repara-se na proximidade de Itália. Não que existam placas a indicar. Um “inter-railer” observador repara que os locais limpos da terra dos “chalés” estão a dar lugar à desarrumação. Característica latina? Final-

mente a terra do “calcio”. Têm início aqui as bebedeiras, perdão, a bebedeira de imagens. Pois quando esta se apodera de nós só nos liberta na hora do regresso a casa. Mas ainda estamos longe.

Take dois: Acção!!! A arquitectura de “Firenze”, as corridas de cavalos de Siena e o amor que envolve a Praça de S. Marcos fazem da viagem para a Eslovénia uma nostalgia. Porque não deixamos de ser portugueses. Penetramos a leste. Afinal quem é que pertence à União Europeia há já alguns anos? Agora são as infra-estruturas de Ljubljana que nos questionam. Quando tentamos encontrar uma resposta já estamos a ser identificados na Croácia. “Passport?” As ilhas a sul, Stari Grad e Qvar, banhadas pelo Adriático fazem-nos esquecer estes obstáculos. Em Split estragam-nos um plano. Comboio para Sarajevo (Bósnia) só daqui a três dias. A visita ao ainda recente cenário pós-guerra terá que aguardar. Planos não faltam e o bilhete global permite abusar. As gémeas húngaras, Buda e Peste, acolhem-nos. Que

confusão é esta? Uma “love parade”? Ainda bem que na despedida em Portugal dissemos às nossas mães que nos iríamos portar mal. Juntamente com 600 mil pessoas...

Contrariamos a história e exploramos a “Checoslováquia”. Passagem veloz por Bratislava, Eslováquia, dá para perceber os vestígios do poder industrial herdado da URSS. Segue-se um novo momento alto: Praga, República Checa. Vinte dias depois da entrada no comboio internacional em Coimbra, um banho turco e uma massagem para revitalizar mais o corpo do que a mente. Um custo de vida baixíssimo permite-nos desfrutar a boémia desta eterna capital europeia da cultura, onde até o ar que se respira é intelectual. Termina-se o périplo por uma passagem pela residência do autor de “A metamorfose”.

O inter-rail é uma viagem mágica que mais parece ficção. Só quem a vive pode inferir o realismo de um comboio que nos transporta para um mundo de culturas e povos distantes que, feitas as contas, estão tão próximos.

Via Latina

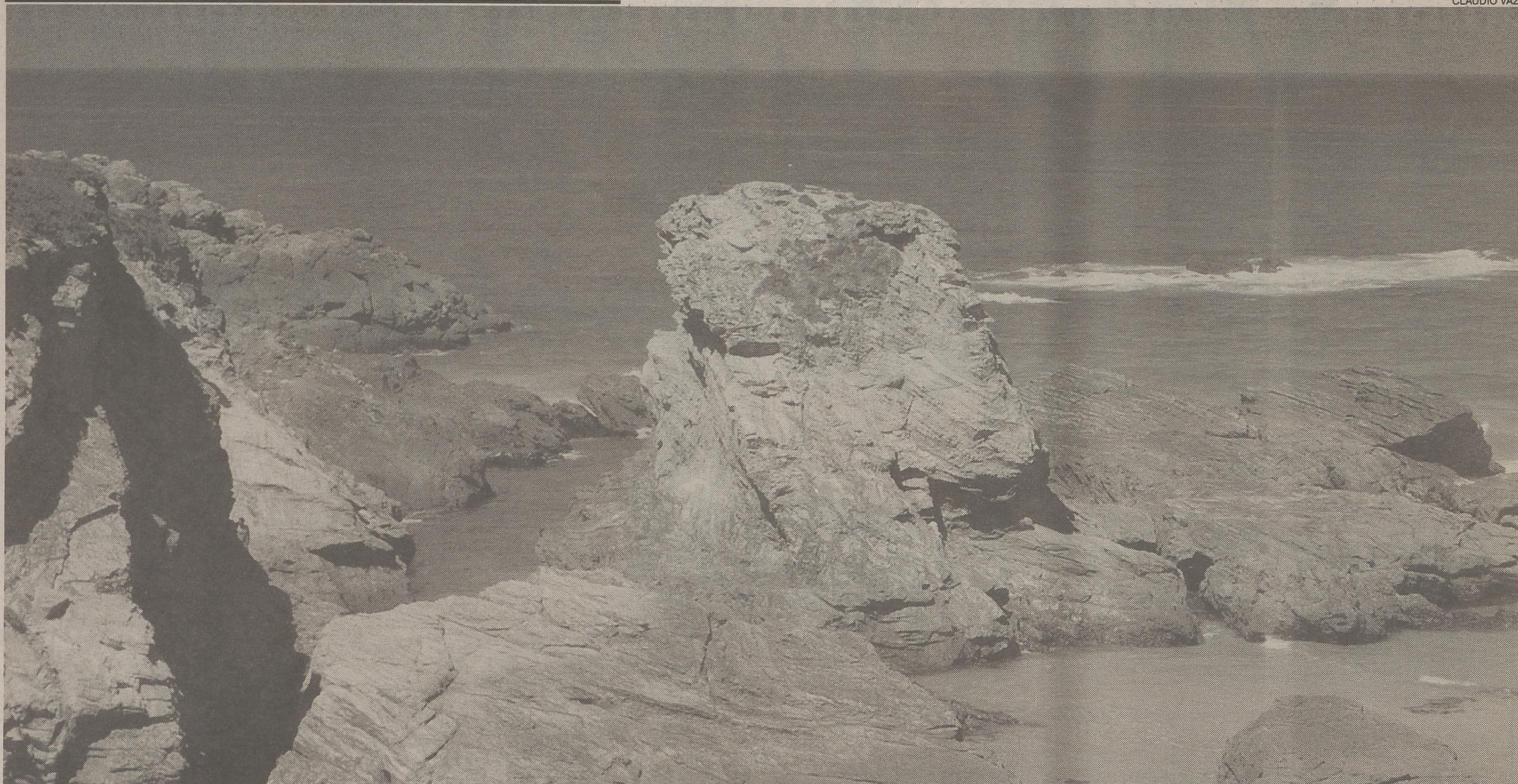
«Espaços Lusófonos»

**Por agora estamos em branco
Precisamos do teu projecto**

A primeira "Via Latina" foi lançada em 1889 pela Associação Académica de Coimbra. Ao longo da sua história assumiu o formato de revista e de jornal, e nela colaboraram nomes como Fernando Pessoa, Zeca Afonso e Jorge Sampaio. O ano passado, depois de 13 anos de ausência, veio a público o primeiro número de uma nova série da revista "Via Latina". A Lusofonia é o tema da "Via Latina" deste ano.

Via Latina
Ad Libitum

Secção de Jornalismo
da Associação Académica de Coimbra
R. Padre António Vieira, 1, 3º piso
239 821 554 | via.latina@gmail.com



Praia de Porto Côvo: uma das paisagens mais fascinantes do passeio pelo litoral alentejano

Caminhadas pelo litoral

Um passeio a pé pelas famosas praias da Costa Vicentina

A tranquilidade de uma caminhada proporciona uma outra viagem com um contacto maior com as pessoas e com o meio ambiente, uma oportunidade para conhecer de perto o que devemos preservar

José Manuel Camacho
Cláudio Vaz

Para quê ir tão longe em busca de praias sossegadas de areia fina e banhadas de água azul-turquesa se as



Trajectos dos repórteres d'A CABRA

temos aqui tão perto? A visão de uma praia de Cuba, como por exemplo Varadero, vendida e revendida numa qualquer agência de viagens, é melhor do que uma das praias nacionais? É verdade, elas existem no nosso país, correspondem à calma e ao ambiente que se instituiu “paradisiaco”, fica mais barato no orçamento e sempre pode contribuir para a retoma da economia nacional e não a dos outros países.

Criado em 1995, após um curto período como Área de Paisagem Protegida, o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina abrange a faixa litoral dos concelhos de Sines, Odemira, Aljezur e Vila do Bispo. São 74.786 hectares de paisagem muito diversificada, onde se salientam, pela sua importância a nível europeu, as arribas, matos sobre areias consolidadas e linhas de água, bem como lagoas temporárias. O parque estende-se ao longo de uma faixa marítima de dois quilómetros de largura paralela à Costa, entre S. Torpes (Sines), no topo norte, e Burgau (Vila do Bispo), no extremo sul. O seu relevo é predominantemente rochoso, com precipícios e arribas xistosas na costa ocidental e calcárias na costa sul. No meio destes acidentes naturais moldados pela natureza, estão aqui as “praias de sonho” que toda a gente procura no Verão, algumas delas inexploradas.

Mochila de campismo às costas, calçado adequado, uma máquina fotográfica e muita disposição foram alguns dos requisitos necessários para atravessarmos este litoral desde Porto Côvo até Zambujeira do Mar, uma extensão que estava dentro do nosso alcance de locomoção pedonal.

“Roendo uma laranja na falésia...”

Imortalizada pela voz de Rui Veloso, Porto Côvo é uma localidade que testemunha a invasão pacífica de quem veio a procura de tranquilidade. A calma dos anciãos, em conversa de mesa de café com um copo de vinho e um bolo que vai sendo consumido aos poucos no Praça Marquês de Pombal, olha atentamente o viajante recém-chegado.

As praias visíveis de cima das falésias colocam-nos na dúvida de como acedê-las. A solução é uma surpresa: tendo acesso a uma através das escadas, as restantes estão à mão através das falhas das rochas ou contornando os rochedos, dentro de águas calmas e não muito profundas. Como a costa é enorme, podemos dar-nos ao luxo de encontrar, assim, uma praia só nossa, que ninguém tenha pachorra de encontrar. Ao longe, o Forte de Porto Côvo e à Ilha do Pessegueiro apelam para uma visita. O caminho até ao forte não exige muito, apenas uma subida um pouco íngreme em terra batida.

Arrumada a mochila e encheidos os pulmões com a maresia, é tempo de abalar até ao próximo destino. A caminhada é agradável, porém cansativa. São cerca de dez quilómetros que nos separam de Vila Nova de Milfontes, em caminhos que nem sempre são de terra batida mas de areia fofa, o que exige mais esforço quando se transporta uma mochila ainda pesada.

A localidade costeira, fundada pelo rei D. João II, é visivelmente maior e mais desenvolvida ao nível da oferta turística. Sem qualquer atractivo histórico para além de um

pequeno forte, são as suas praias fluviais e a costa que chamam mais a atenção dos visitantes. As águas do Mira proporcionam o descanso de famílias que não têm que se preocupar com a segurança das crianças, já que as águas são tranquilas e redes de pesca delimitam o máximo que se pode afastar da margem.

Descuidos ecológicos

Um dos acontecimentos que nos vem à cabeça quando ouvimos falar da Zambujeira do Mar é o Festival de música do Sudoeste. No entanto, este realiza-se mais para o interior e não tem directamente nada a ver com a localidade costeira. A povoação é pequena, composta por cerca de 900 pessoas, crescendo naturalmente pela visita de turistas no Verão. Do cimo das altas falésias tem-se uma visão sobre as praias de águas claras e estas servem também de miradouro para o Atlântico. Pôr o parque de campismo de lado e passar a noite numa delas, com o constante barulho do mar e sob o céu estrelado, é uma experiência recompensadora, assim como assistir a um pôr-do-sol, no final de mais um dia desta aventura de apenas quatro dias.

Um dos apontamentos visíveis nesta viagem é o crescimento destas localidades, através da construção de habitações. É a pressão do turismo. Sem ter nada contra, o que se ressalva é que estas vão descaracterizando aos poucos os traços arquitectónicos das localidades. Outra chamada de atenção é o lixo que insistentemente se vai deixando na areia, sinal de preguiça uma vez que as praias estão servidas por sacos próprios.

Dicas Úteis

Como ir

Rede Expresso (Autocarros)

Horários, preços e outras informações
www.rede-expressos.pt Tel: 707 223 344.

Autocarros partem diariamente com transbordo em Lisboa. Coimbra para Porto Côvo (só ida): 17 euros (30% de desconto com o Cartão Jovem)

Onde ficar

Porto Côvo

Parque de Campismo de Porto Côvo. Tel: 269 905 136
Boa infra-estrutura para a família. Ideal para caravanas e tendas
Por Pessoa: 2,90 euros
Tendas até 12 metros: 3,65 euros

Parque de Campismo Monte Branco. Tel: 269 959 100
Ideal para caravanas e carros
Por Pessoa: 5 euros
Caravanas e reboques: 7 euros

Vila Nova de Mil Fontes

Camping Férias. Tel: 283 996 409
Bem localizado, frente ao mercado municipal, campo de futebol público e próximo a supermercados e a praia
Por Pessoa: 3,20 euros
Tendas até 12 metros: 2,75 euros

Zambujeira do Mar

Parque de Campismo de Zambujeira do Mar. Tel: 283 961 172
Amplamente ideal para tendas e caravanas. Aproximadamente a 2 km do centro da vila.
Por pessoa: 4 euros
Tendas até 12 metros: 4 euros

O Cartão Jovem é aceite em todos estes estabelecimentos

Uma perspectiva da causa

Miguel Duarte *

A actual Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC) tomou posse no dia 26 de Janeiro de 2004. Passados quase seis meses compete-nos agora fazer um balanço do trabalho desta equipa, mas sobretudo estar sujeitos à verdadeira avaliação do nosso trabalho, a avaliação que cada estudante faz do nosso trabalho.

Não irei apresentar o rol de actividades desenvolvidas ou classificar as mesmas. Como já referi, considero que esse trabalho é da exclusiva responsabilidade de cada estudante, mas não me escusarei a tecer algumas considerações sobre a forma como decorreu este primeiro semestre e sobre a perspectiva que quisemos construir.

A verdadeira aposta para a mobilização foi o esclarecimento dos estudantes. Utilizámos uma perspectiva vanguardista que pretendeu romper com uma forma tradicionalista de apresentar a causa estudantil. Através de comparações com a realidade europeia onde estamos inseridos, através da valorização do ensino superior para o desenvolvimento de toda a sociedade e crescimento do nosso país, através da valorização do ensino superior enquanto pilar do estado social, demonstrando que temos muito poucos licenciados no nosso país, demonstrando que as famílias portuguesas são as mais penalizadas da Europa quando falamos de contribuições para o ensino superior (comparando o nível de salários), foi possível transmitir uma nova dimensão da nossa causa e foi possível enquadrar a nossa causa num quadro mais abrangente e real.

Outra vertente seguida foi de cariz mais filosófico/histórico. Desejámos exaltar em vários momentos os valores da AAC, a nossa Declaração de Princípios. A história obrigava-nos a reflectir e é nela que se encontram caminhos para o futuro. Não quisemos ser saudosistas mas sim seguidores de uma causa. Passados 35 anos do 17 de Abril, passados 30 anos do 25 de Abril, arriscamo-nos a sofrer um retrocesso cada vez maior em matéria de valores fundamentais. É necessário despertar as consciências cívicas, é necessário valorizar a democracia participativa, se as gerações anteriores conquistaram a democracia, cabe-nos a nós continuar a construir e a consolidar. Acreditar que a mesma termina no voto, é o primeiro passo para a sua destruição.

A CABRA errou...

Por erro de paginação, o texto "Harvey Revisitada", publicado em Artes Feitas na última edição, estava incompleto. Publicamos agora o texto na íntegra. Ao autor e aos leitores, as nossas desculpas.

Harvey revisitada

Tiago Carvalho

"Deixem-me contar-vos o resumo da minha história". Eis as palavras - secretamente dispostas por debaixo da rodela de "Uh Huh Her" - que, intencionalmente ou não, explicam a obra que PJ Harvey nos apresenta cerca de quatro anos após a edição de "Stories from the City, Stories from the Sea". O sexto álbum de originais de Harvey é uma espécie de síntese do percurso e das várias peles que a artista britânica foi traçando e vestindo ao longo dos últimos doze anos.

As fotografias do booklet - auto-retratos desde os tempos de "Dry" (1992) à era "Uh Huh Her" - confirmam-no. Aos olhos e ouvidos, surge-nos Polly a fotografar a sua própria história, como uma atriz que revê, sentada frente ao ecrã, os papéis que desempenhou. Ao fundo, vislumbram-se pedaços de uma nova história.

De "4 Track Demos" (1993), "Uh Huh Her" segue o método: neste álbum, PJ toca e regista todos os instrumentos, à excepção das percussões, ensaiadas pelo seu amigo de longa data Rob Ellis.

Do primordial "Rid Of Me" (1993), ecoa a força blues

A AAC foi sempre um dos maiores pólos de intervenção da nossa sociedade: os liberais, os republicanos, os que tomaram a Casa dos Lentes, os que lutaram contra o fascismo, independentemente das lutas sempre esteve presente a nossa Declaração de Princípios. Hoje esta declaração materializa-se no ensino superior público e gratuito. Já demonstrámos através de vários exemplos que não se trata do impossível; muito pelo contrário, foi a política adoptada por todos os países europeus que percorrem o caminho do desenvolvimento pela única forma sustentável: a educação. Como tenho dito por diversas vezes, a mudança é inevitável, os resultados do actual modelo serão catastróficos; a nós, cabe-nos a responsabilidade de não deixar cair a nossa causa e estar no caminho do progresso. Jamais devemos esquecer que a história raramente se esqueceu de nos dar razão.

Consideramos que a causa estudantil só será acatada e compreendida com as duas componentes atrás referidas, por isso mesmo será esta a linha seguida até ao final do mandato. Importa referir que esta linha conta como principais agentes activos todos os estudantes, passando a actividade percursora pelos dirigentes associativos. Acreditamos que a actual realidade dos núcleos de estudantes é um factor muito positivo para o próximo semestre. É notável o empenho que as actuais equipas em funções têm demonstrado. Esperamos um grande momento da nossa causa, trabalharemos para a envolvimento de todos, acreditando numa geração de causas capaz de percorrer o caminho do desenvolvimento.

Porque "Há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não",

LUTAREMOS PELO PROGRESSO

CONSTRUIREMOS O SONHO

ARRISCAREMOS A UTOPIA

*Presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra

de "The life & death of Mr. Badmouth" e o punk sem fôlego e a voz aparentemente zangada de "Who The Fuck". A leveza pop de "Shame", por sua vez, fez-nos recuar à era "Stories...", como "Slow drug", "It's You" ou "You come through" à fase "Is This Desire". O single, "The Letter" (rock-de-cortar-a-respiração), respira a "Desert Sessions" (projecto dos Queen Of The Stone Age no qual PJ participou) por todos os poros.

É, no entanto, no intimismo de "Pocket knife", de "The kingdom of love" e de "The End" (com dedicatória dirigida ao realizador e amigo Vincent Gallo) que é possível avistar um novo caminho, mais atmosférico e distante do que directo e visceral.

As palavras - que a artista insiste em não assumir autobiográficas - narram pequenas "estórias" mundanas que, na sua boca, se tornam deliciosas: de uma rapariginha que diz à mãe que não está preparada para casar e que ameaça sangue caso a obriguem a tal; de um ser que tem nos lábios um veneno tão poderoso, capaz de contaminar uma história de amor e de ditar a sua infelicidade; do prazer que a velha arte de escrever cartas ainda provoca; ou do fim de um relacionamento amoroso que queima e desespera um dos amantes.

Se "Uh Huh Her" - nas histórias que narra - não é um retrato fidedigno de Polly Jean - mulher é, de certo, o de PJ Harvey - atriz, aquela que não vê aqui o seu melhor papel mas que resume o melhor das suas interpretações passadas e que alcança, por instantes, novos traços para futuras performances.

EDITORIAL

As palavras que nunca escrevemos

Corria o mês de Setembro de 2002. A Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra era "assaltada" por uma nova geração. A maioria ainda miúdos imberbes (a média de idades rondava os vinte anos e três matrículas), sonhavam dar continuação a um projecto com mais de uma década de vida: o Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA. Mas mais do que continuar o que já existia (e que era de elevada qualidade), sonhavam elevar a fasquia. Sonhavam com um jornal quinzenal, um jornal independente, um jornal da academia de Coimbra,

orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, mas sempre sem qualquer tipo de dependência ideológica, política e económica ou de qualquer outra espécie. Sempre gratuito.

No entanto, eram conquistas que se assumiam quase como utópicas. Os saldos da conta no banco eram quase sempre pouco confortáveis, os computadores em número insuficiente e a pedirem a reforma, o espaço exíguo e as condições longe de serem ideais. Mas havia a vontade. Uma vontade capaz de mover montanhas. Havia o corpo redactorial. Um corpo redactorial espectacular, tenaz, vivo, marcado pela vontade de dar continuidade ao projecto iniciado no longínquo ano de 1991 pela equipa liderada por José de Albuquerque, primeiro director d'A CABRA. E assim começou um percurso de dois anos, que com esta edição chega ao fim.

Findo este percurso, os resultados só nos podem deixar orgulhosos. Trinta e sete edições do Jornal Universitário de Coimbra publicadas, cinco edições especiais produzidas, criado o site de informação académica acabra.net, leccionados uma dezena de cursos na área do jornalismo escrito, jornalismo digital, fotojornalismo e grafismo e tendo colaborado activamente em muitas dezenas de iniciativas da

academia, só podemos sair contentes.

Porém, muito fica por dizer. Fica por dizer, por exemplo, que A CABRA é o único jornal português que, em todas as suas edições, possui um espaço especialmente dedicado à ciência, com um editor próprio. Fica por dizer que A CABRA é o único jornal universitário em Portugal completamente produzido por estudantes (desde as reportagens à distribuição, passando pela paginação e grafismo). Fica por dizer que ninguém n'A CABRA usufrui de qualquer tipo de remuneração pelo seu trabalho. Ficam por contar as noites que permitiram a elaboração de cada uma das mais de três milhões e meio de páginas que produzimos. Ficam por revelar as estratégias de contabilidade criativa que permitiram ao Jornal Universitário de Coimbra nunca fechar as portas.

E ficam os agradecimentos. À Coraze, a nossa gráfica, em Oliveira de Azeméis, que, mesmo apesar das nossas enormes dívidas, nunca nos negou uma única impressão e sempre sentiu A CABRA como um projecto seu. Aos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra e, especialmente, ao seu administrador, o dr. António Luzio Vaz, que sempre entendeu a nossa publicação como de enorme valor para a academia e nunca deixou de auxiliar-nos sempre que possível. A reitoria da Universidade de Coimbra (UC) que, apesar de em dez anos nunca ter actualizado o apoio que dá ao Jornal Universitário de Coimbra, sempre compreendeu a importância deste órgão de comunicação social junto da comunidade universitária. As várias direcções-gerais com quem trabalhamos, que sempre souberam respeitar a nossa independência e que sempre nos apoiaram naqueles pequenos pormenores que nos permitiram crescer. Por fim, um agradecimento muito especial aos nossos leitores, aqueles para quem nós passámos horas a fio a trabalhar, aqueles para quem nós demos o nosso melhor.

"Acreditar" era o título do editorial do número zero do Jornal Universitário de Coimbra, publicado a 8 de Janeiro de 1991. Na altura, queria-se acreditar na validade do projecto, na sua continuidade para o amanhã. Hoje, é novamente tempo de acreditar, tempo de mudança. Existem já uma nova direcção d'A CABRA, novos objectivos, novas fasquias. Carbura novamente o sonho. É tempo dos "Velhos do Restelo" darem espaço à criatividade de mais um grupo de miúdos imberbes. Porque no fundo, A CABRA resume-se a isso mesmo: um grupo de miúdos que não tem medo de sonhar. Boa viagem. Emanuel Graça



IMAGETICA

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

Férias. Verão. Calor. Praia. Pés molhados. Mãos na areia. Óculos de sol. O jornal que não pára de esvoaçar com o vento. O livro timidamente resguardado no interior da mochila para mais tarde. O beijo doce de presença. Estou aqui. Eu também. O cão passeia-se alegremente à beira-mar. O vizinho do lado comenta a situação política. De rir. Tagarelice. Como o papagaio que um puto acaba de lançar no céu azulado. De papel. O papel que gosto de sentir nas mãos. A tinta marcada. A aspereza. O cheiro. A pueril excitação do conhecimento. Da descoberta. Da procura. Por uma mente incansável. Insaciável. Eternamente insatisfeita. Condição humana. Inerente. Incontornável. Busca incessante. Felicidade. Utopia. O cão regressa para a toalha todo encharcado. O papagaio de papel faz uma razia ao chapéu de uma senhora rabugenta. Ainda estás aí? Es-

tou aqui meu querido. Um pouco de bronzeador nas costas. Mas o raio do homem não se cala? Estabilidade? Situação económica? Legitimidade da maioria? Por favor. O outro foi um covarde! Um verdadeiro covarde! Ainda por cima tem o meu nome. Não achas querida? O cão pega na bola e pede para brincarem com ele. A mulher ainda está a refilar com o puto. Coitado. Não deve saber quem o espera como primeiro-ministro. Alguém sabe o que esperar? Zás! Uma bola de couro em cheio nas costas. Desculpe lá! Não faz mal. Putos anormais. Ainda por cima não jogam um chavelho. As ondas estão altas. Um mergulho daqui a pouco. De volta ao jornal. Garantia de que vão prosseguir do mesmo modo com as políticas essenciais. Neurose de Agosto. A que horas é que dá a bola na televisão? O cão começa a ladrar. E mais um beijo.



Saramago "honoris causa"

A Universidade de Coimbra distinguiu no domingo o escritor José Saramago, Prémio Nobel da Literatura em 1998, com o grau de doutor "honoris causa". A distinção foi proposta por Carlos Reis, docente da faculdade de Letras e antigo director da Biblioteca Nacional, e por Ana Paula Arnaut, professora auxiliar da mesma faculdade, que estudou a obra de Saramago nas suas teses de mestrado e doutoramento.

De acordo com declarações do catedrático à Agência Lusa, José Saramago é uma "figura incontornável" da literatura portuguesa, e a sua obra "uma grande referência a nível mundial na passagem do século XX para o século XXI". Na opinião do especialista, este doutoramento, apesar de "oportuno", só peca por ser "talvez um bocadinho tardio". Mas "mais vale tarde do que nunca", ressalva.

O elogio académico do escritor foi feito por Carlos Reis, enquanto o ensaísta Eduardo Lourenço, também ele "honoris causa" pela Universidade de Coimbra, foi escolhido pelo próprio Saramago para fazer a sua apresentação.

José de Sousa Saramago nasceu em 1922, em Azinhaga, uma aldeia no Ribatejo. Aos três anos foi com os pais para Lisboa onde concluiu o ensino secundário. Trabalhou como serralheiro, funcionário da saúde e da previdência social, editor, tradutor e jornalista, nomeadamente no "Diário de Lisboa" e no "Diário de Notícias", de que foi director-adjunto em 1975. O primeiro romance, "Terra do Pecado" tinha já sido publicado em 1947, mas só a partir de 1976 se dedicou inteiramente à literatura. Entre os nomes mais conhecidos da sua obra estão "Memorial do Convento" e "Ensaio sobre a Lucidez".

Programa Erasmus recebe prémio

Programa comunitário foi galardoado com o Prémio de Cooperação

O programa europeu Erasmus, responsável pelo intercâmbio entre estudantes universitários dentro da Europa, foi distinguido na quarta-feira com o Prémio Príncipe das Astúrias de Cooperação Internacional 2004. O programa Erasmus, que recebeu o voto unânime do júri, foi considerado "um dos mais importantes projectos de cooperação internacional na história da humanidade".

O Erasmus é um programa comunitário que promove a mobilidade de estudantes e professores da Europa. O objectivo é aumentar o intercâmbio cultural e linguístico entre as universidades. O programa recebeu o seu no-

me em homenagem ao humanista Erasmo de Roterdão (1469-1536) que, em busca de conhecimento, percorreu várias cidades europeias. Desde que foi criado, em 1987, o Erasmus já permitiu a quase dois milhões de estudantes de duas mil universidades estudar num dos 30 países europeus aderentes.

Entretanto, no âmbito das comemorações dos 25 anos da Fundação Príncipe das Astúrias, que é responsável pela atribuição do prémio, a instituição vai convidar os reitores das universidades que participam no programa Erasmus para "uma reflexão que sirva para impulsionar as ideias e valores que estão na base do programa de cooperação educativa e cultural".

Cada vencedor recebe 50 mil euros, a escultura comemorativa do galardão, da autoria de Joan Miró, um diploma e uma insígnia.

Propina máxima em faculdade de Lisboa

Razões de fixação da propina vão ser explicadas por escrito aos estudantes

Depois da Universidade de Coimbra, foi a vez da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL) fixar a propina no valor máximo (880 euros) para o próximo ano lectivo. Apesar dos protestos dos estudantes, o conselho directivo da FCUL decidiu avançar com este valor, que foi aprovado na passada sexta-feira.

Segundo o presidente do conselho directivo, Nuno Guimarães, na base desta decisão está a necessidade de reforçar o orçamento de funcionamento da escola para dar resposta à falta de reagentes, equipamento informático e laboratórios. O responsável acrescenta

que as razões para a fixação da propina serão explicadas aos alunos por carta, de forma a evitar conflitos.

No entanto, os estudantes parecem pouco satisfeitos. Depois de nas últimas duas semanas terem impedido a realização de duas reuniões do conselho directivo da FCUL, a primeira a 1 de Julho e a segunda a 8 de Julho, os alunos vêm-se agora confrontados com aquilo que mais temiam - a fixação da propina máxima. Para a Associação de Estudantes da FCUL, que já demonstrou o seu desagrado com a decisão, não cabe aos conselhos directivos a fixação do valor das propinas, mas sim ao próprio ministério.

No presente ano lectivo, a FCUL fixou também o montante máximo da propina (842 euros). Segundo o presidente do conselho directivo desta faculdade, o valor foi pago por 85 a 90 por cento dos alunos.